

PATRIOTA.

SUBSCREVE-SE:

Na Typographia do PATRIOTA, rua do Poço dos Negros n.º 54.
Marques, na rua Augusta n.º 3 e 3.

POR:

Tres mezes..... 720 rs.
Um mez..... 240 ..
Avulso..... 20 ..

CABEÇALHO EM FORMA DE PROFISSÃO
DE FÉ POLITICA.

Nascemos: lançaram-nos neste valle de lagrimas, neste mundo corrupto, cheio de immundicia, de soldados, de algaravios e de Castilhos, em o anno economico de 1799 em que Portugal celebrou um tractado de paz e a amizade com a regencia de Tripoli de Barberia; primo-co-irmão do protocolo de 21 de Maio.

Uma velha, especie de brucha, que morava na nossa visinhança tirou-nos as cartas, estremeceu de horror, torceu o pescoço a um gato que tinhamos, e disse a nossa mãe: este menino está reservado para grandes cousas, hade vir a ser *patuléa*; e as cartas dizem mais que durante a sua minoridade verá um homem de cor parda, ministro dos negocios estrangeiros, que apesar de ser mulato hade teimar que é branco, do que se hão de seguir grandes males a Portugal, que apesar de tudo acrescentou a velha

Hade ser perseguido
Nunca vencido!!!!!!

Passados os primeiros annos da nossa mocidade frequentamos grande numero de universidades estrangeiras, e depois de um curso completo de direito publico, de cursivo, letra gorda e de clinica medica, formamos-nos em sciencias abstractas, para melhor conhecermos o coração humano e o corpo social, e por isso afoutos dizemos que Manoel Duarte Leilão tem de morrer doudo.

Com o andar do tempo (que então ainda não era o *Tempo dos renegados*) vieram as constituições, os achaques e as revoluções, e nunca nos fizeram deputado, no que a nação perdeu immenso, segundo a nossa opinião philosophica.

A força de fadigas, empenhos e trabalhos, conseguimos ser anseçada de um dos batalhões da guarda nacional de Lisboa.

Levou-nos Deos ao Campo de Ourique por occasião da Belezada; e continuando as revoluções, os achaques e constituições, depois de muitos empenhos, nunca fomos feridos a favor da nossa adorada rainha a senhora D. Maria 2.ª, que Deos guarde por muitos annos como todos os bons portuguezes havemos mister.

O nosso corpo não tem pois lesão alguma, quer moral, quer phisica, temos bom appetite, abdomen desembaraçado, ainda que constituição fraca pelos ataques nervosos da região superior.

Somos patuléas, por embirração, por pirraça e por melancolia, e como pertencemos a uma nação que é senhora de Guiné, Mar em Africa, Conquista e Navegação, que tem não sabemos o que, na Ethiopia, Arabia e Persia; por isso temos o direito de acreditar que os irmãos Cabraes não são pessoas limpas de mãos.

Não assistimos á morte do Conde Andeiro porque ainda não eramos nascidos, mas tivemos a ventura de

conhecer o Dietz, que graças a Deos ainda vive. Tão pouco fomos ao Cartaxo comer arroz doce com o invicto das caras para nos não engasgarmos com as taes letras de pollegada que tanto deram no *gato* ao padre Eleuterio.

Lamentamos do fundo d'alma, que o reverendo Marcos passe aos olhos da nossa antiga e fiel alliada como o nosso primeiro borrachão, e estamos persuadidos, que se o padre bebe, é só para conservar a saude; pois se a agoa-ardente conserva as frutas, muito melhor conservará o corpo humano. Assim o assevera o publicista Vattel e outros muitos.

Sempre achamos o Proença muito feio e muito rombo, e por esse motivo, e mais dos autos, continuaremos a guerrear um partido em que se roubam conegos, rainhas de Sundem, e em que ha Trasmundos e imundos, pernas de páo, cambados, coruscantes, sacripantes, tratantes, reis de Molembo, circulos bicudos, algaravios modelos de disciplina que estripam gente por essas ruas como quem bebe um copo d'agoa, e com taes defensores da carta não queremos nem ir para o céo; antes preferimos ser condemnados a comprar e lér a pharmacopéa do europeu Albano, ou a comer milho miudo durante um mez.

O nosso credo politico, os nossos principios, a nossa religião, a nossa bandeira, os nossos amôres, a nossa Dulcinéa del Toboso, são a Maria da Fonte, porque o fado tem de cumprir-se, porque quando ainda no berço nos titaram as cartas prognosticaram ellas que teriamos de ser grande patuléa.

Somos fatalistas, e por essa razão estamos convencidos, que todos nascem com a sua estrella; boa ou má, a nossa guia-nos para onde for o povo; já agora temos de a seguir.

Resta-nos pouco a dizer.....

N. B. Somos obrigados a declarar para intelligencia do leitor, que faltando-nos o estro para continuar esta nossa profissão de fé, a damos aqui por acabada e *finis coronat opus*. Este latim vai aqui bem encaixado e nada deixa a desejar.

ARTIGO DE FUNDO SEM FUNDO.

Datado do Da funão.

O PROTOCÓLO.

O ministerio actual é um grande ministerio! O partido cabralista um grande partido! As potencias alliadas umas grandes potencias! Ora ass. tratado tudo isto, em que crêmos piamente, não na

remedio senão elevar até às nuvens os ministros, os cabralistas e os estranhos que *felizmente nos regem*: pelo menos ponhamo-los no 1.º lugar que Dante destinava para os Capetos, que era nada menos do que os reinos de Plutão. — Parece-nos que no mez d'Agosto não ficam ali mal — hein? E' voz constante que a esta trindade cabral, cabralistas e alliados devemos os *benefícios* do protocolo! Protocolo sabe-se que quer dizer embofia, trampolina, *Diario do Governo*, logro, nota do banco de Portugal etc. E nesta acceção o tomam os *vencedores* que entraram na Capital cobertos de louros e de suor, entregues ás delicias d'um *triumpho*, que as tres nações poderosas lhes prepararam.

Lord Palmerston, bem o disse alto e bom som: "Se vencesse a Junta do Porto tínhamos democracia — se ganhasse o partido da cõrte arrumavam-nos pelas ventas com o despotismo. . . E que fez a Inglaterra? Interveio, encampou-nos o protocolo, e depois de varios hymnos ficou a patria salva! Ha nada mais rasoavel, mais grato, mais suave? Mas o nobre lord (frase parlamentar) não se lembrou que apesar do precioso *calhamação azul* ser devorado pelos carnivoros habitantes da Grã-Bretanha para dahi extrahirem discursos immensos, apesar das suas reflexões; o protocolo foi uma caçoada, uma sombra, uma tolcima, uma vilania! O Ministerio de cá fugio do cabralismo como os judeos do toucinho — o de lá encolheu-se, fechou o parlamento e achou que o paiz estava soeegado andando tudo á cacheirada, e não havendo nem sequer segurança individual!

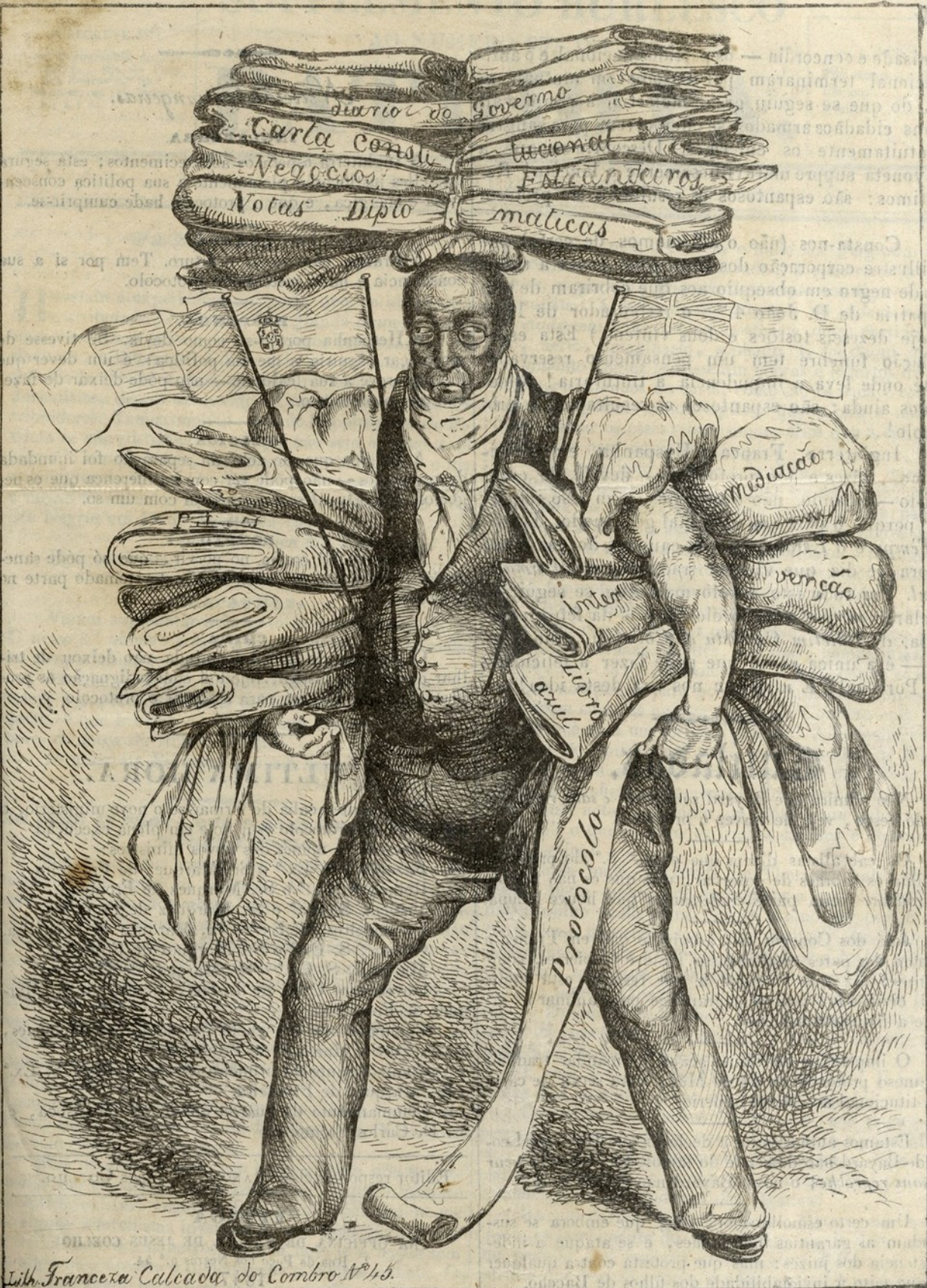
A França então foi mais franceza. O velho matreiro, a astuta raposa, o fino macrobio, meteo os outros na dança e por detraz da cortina franziu de jubilo aquella cara de pera bojarda que Deos lhe deo. Até a imprensa franceza escrevia estas galantes palavras: "A Hespanha dará forças de terra, a Grã-Bretanha de mar e a França apoiará. . . com *os seus votos!* Que simplicidade tão safada! . . . Que candura angelica de *roué* (em portuguez *devasso*) tão mal disfarçada! E a França havia de ser neutral? E a França velaria pela execução do seu compromisso? Lá tinha em Londres o barão de Jarnac e em Lisboa Mr. de Varennes — que haviam responder como Mr. Desmousseaux: *rien, rien, rien!* Nada, nada, pela palavra nada? Porém para que ralar da França? Alli ao menos já se prendem os altos funcionarios por ladrões! Pobres nescios! Porque não vem para Portugal onde o progresso está no seu auge?

Em quanto á Hespanha nada dizemos: temos muito amôr ao seu chocolate e á sua *madre del pueblo* para que ousemos crimina-la. Andou bem no negocio, muito bem, e depois que a joven innocente, quiz dar o barrete de cardeal ao adorado esposo nada há que dizer — outros immensos barretes lhe tinha já dado, á *serrana*, ou como nós dizemos vulgarmente, chapéos desabados: O céo proteja a Hespanha, o protocolo, e as nossas costellas ou costelletas, para melhor dizer, porque o furor politico vai reduzindo o espinhaço a muito pouco!

Exposto o estado da questão, quem houve por esses bêcos e travessas que não batesse as mãos de jubilo ao saber que tínhamos um protocolo? Pois a Belgica não teve trinta e dous quando se tratou de a separar da Hollanda? Então Talleyrand fez triste figura, agora nós, que somos menos, tivemos um que vale por toda a serie Belga e tambem appareceu certo diplomaticosinho, que agarrado ás tres bandeiras saltou de contente e gritou — *Independência ou morte!* E digam que os verdadeiros portuguezes morreram todos! Qual! Vivem, e tem até muitos filhos, que são o retrato do pai — *son tutto il papa!*

O protocolo tem quatro artigos: tres é a corta que Deos fez, sete são os peccados mortaes, cinco os ministros, é emfim conta d'embirra, no entanto prometteu-se-nos muito, que por ora se não realisou, mas que se hade realisar. Assim o affirmava Sir Seymour (creado lord pelo *Diario*) e muitos outros *Sirs* que neste momento nos não lembram. O artigo quarto é o fatal — o artigo quarto é o pesadello do partido cabralista, que cabe n'um vapor pouco mais ou menos; afõra os indecentes que ficam em terra, e que passam vida regalada repoltriando-se nas arcadas do Terreiro do Paço. O artigo quarto é o mais duro de roer, e tanto que José Cabral já protesta contra elle e contra os discursos dos parlamentos Francez e Inglez. Estes protestos são bons porque fazem dar gargalhada, e os *Bernardos na lua* da nossa terra acabam doudos, tendo sido sempre muito pacovios!

São espantosos os resultados da união entre a familia Portugueza, união só devida ao protocolo! Os maridos separados de suas mulheres uniram-se, os arrufados; amuados, zangados e esquentados deram o abraço fraternal e todos os partidos se apertaram com tanta força, que se receia seriamente das faltas de respiração. As nações entrelaçaram-se com muita graça e até na Capital tem havido phenomenos inexplicaveis. A' força de



Lith. Franceza Calcada do Combro N.º 15.

CHEQUE! VI... VENCIDO!!!!

amizade e concórdia — os partidos nacional e o anti-nacional terminaram por se odiarem mutuamente, do que se seguiu grave molestia, a ponto d'alguns cidadãos armados se offerecerem para sangrar gratuitamente os enfermos. Descobrio-se que a bayoneta supprime maravilhosamente a lanceta! Repetimos: são espantosos os resultados do protocolo!

Consta-nos (não o affirmamos de certo) que a illustre corporação dos tintureiros passa a tingir só de negro em obsequio aos que cobriram de luto a patria de D. João 4.^o, o restaurador de 1640 (hoje dezeseis tostões e dous vintens.) Esta especulação funebre tem um pensamento reservado. Até onde leva a impudencia a tinturaria! Repetimos ainda: são espantosos os resultados do protocolo! . . .

Inglaterra, França e Hespanha, em ti confiamos, fizes e um protocolo — deveis de cumpri-lo — quando, não o sabemos, nem isso importa, porque o paiz não está mal governado. Temos o *Tempo* e o *Estandarte*, os canudos do gaz e até agora se diz que vai ser tradusido o *calhamaço azul*. Por tudo isto e pelo mais que se seguir — declaramos que o protocolo, depois da febre amarella, do *Boletim Cartista de Coimbra*, e do *Gratis* — é a unica cousa que pôde fazer a felicidade de Portugal! E ninguem nos tira desta idéa!

Cutiladas.

Não admira que Bayard *sans peur e sans reproche*, sendo vesgo, veja de travez o protocolo.

Os cabralistas dizem que o art.^o 4.^o do protocolo excluiu os cabraes de governar, mas que os não inhibiu de roubar. Nesta parte confessamos que houve lacuna.

José dos Conegos está admirado que em França a camara dos pares condemnasse Teste e Cubierres, como ladrões; diz que Portugal a esse respeito está muito mais civilisado; pois os engrandece para animar as artes e a industria nacional.

O imperador da China acaba de mandar traduzir o famoso protocolo de 21 de Maio, para servir de carta constitucional ao celeste imperio.

Estamos authorisados a declarar que Ildefonso Leopoldo Bayard não descende do famoso Bayard *sans peur et sans reproche*; o nosso Bayard não é *pure sang*.

Um certo esmoller-mór, diz, que embora se suspendam as garantias individuaes, e se ataque a independencia dos juizes: mas que protesta contra qualquer ataque feito á inviolabilidade dos filhos de Baccho.

Noticias Estrangeiras.

INGLATERRA.

A Inglaterra espera os acontecimentos; está segura que elles justificarão plenamente a sua politica conscienciosa e energica, e que o protocolo hade cumprir-se.

FRANÇA.

A França não receia o futuro. Tem por si a sua consciencia e hade sustentar o protocolo.

HESPAÑHA.

A Hespanha portou-se como devia. Se tivesse de recommear seguiria a mesma politica: é um dever que lhe prescreve a sua lealdade — não pôde deixar de fazer cumprir o protocolo.

BELGICA.

A Belgica que no acto da separação foi inundada de protocolos — não pôde ver com indifferença que os negocios de Portugal se arranjassem com um só.

EGYPTO.

Mehemet-Ali confia no porvir, que só pôde sancionar o seu nobre proceder de não ter tomado parte no protocolo.

CHINA.

O governo do imperador ainda não deixou de tri-lhar a senda da justiça; rejeitou com indignação as propostas que lhe fizeram para assignar o protocolo.

Á ÚLTIMA HORA.

Finalmenté acaba de formar-se o novo ministério, o artigo 4.^o do protocolo está hoje em plena execução.

Eis-aqui os nomes dos novos ministros:

Fazenda, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Reino, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Justiça, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Estrangeiros, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Guerfa, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Marinha, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Governador Civil de Lisboa, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Commandante em chefe dos batalhões nacionaes, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Commandante da primeira divisão militar, S. Ex.^a o Sr. Marquez de Fronteira.

Commandante da guarda municipal de Lisboa, o Sr. D. Carlos Fronteira.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.^o 54.

1847.